DOI 10.5216/o.v17i1.39429

MAGALI, DE M. DELLY E A TRILOGIA *CINQUENTA TONS DE CINZA*: UMA ANÁLISE DA LITERATURA DE MASSA PARA MULHERES

Ana Carolina Eiras Coelho Soares[*]

Resumo: O presente trabalho busca a percepção das relações amorosas de meados do século XX e XXI através da comparação de duas obras de grande sucesso: o romance *Magali*, de M. Delly e a trilogia romântica *Cinquenta Tons Cinza*, de E. L. James. Partindo de uma análise histórica e antropológica das fontes, busco compreender a construção discursiva realizada sobre as construções sociais primárias entre os gêneros, revelando a edificação das expectativas almejadas sobre os comportamentos, valores e condutas sociais esperadas nos romances *best-sellers* que são veículos de divulgação em massa. Assim, analiso as formas da propagação de ideais sentimentais e sociais historicamente construídos que existem em nossa sociedade.

Palavras-chave: Literatura; Relações de gênero; Condutas sociais.

* Bolsista de pós-doutorado do PPGAS/UNB pela FAPEG/CAPES, professora do Programa de Pós-Graduação em História/Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás, Coordenadora do GT Regional de Gênero - Seção Goiás, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas em Gênero/FH-UFG/CNPq.
E-mail: anacarolinaufg@gmail.com.

MAGALI, BY M. DELLY AND THE *FIFTY SHADES OF GREY* TRILOGY: AN ANALYSIS OF MASS LITERATURE FOR WOMEN

Abstract: This paper aims to comprehend the perception of relationships in mid-twentieth and twenty-first centuries by comparing two works of great success: the novel Magali by M. Delly and the romantic trilogy Fifty Shades of Grey by E.L. James. From a historical and anthropological analysis of the sources, it seeks to understand the discursive construction performed about primary social constructions between genders, revealing the structuring of expectations about the behaviors, values and social conducts expected in the best-selling novels that are vehicles of mass disclosure. So, it analyzes the forms of the propagation of emotional and social ideals historically constructed that exist in our society.

Keywords: Literature; Gender relations; Social conducts.

MAGALI, DE M. DELLY Y LA TRILOGÍA *CINCUENTA TONOS DE GRIS*: UN ANÁLISIS DE LA LITERATURA DE MASA PARA MUJERES

Resumen: El presente trabajo busca la percepción de las relaciones amorosas de mediados de los siglos XX y XXI mediante la comparación de dos obras de gran éxito: la novela *Magali*, de M. Delly, y la trilogía romántica *Cincuenta Tonos de Gris*, de E. L. James. A partir de un análisis histórico y antropológico de las fuentes busco entender la construcción discursiva realizada sobre las construcciones sociales primarias entre los géneros sexuales, revelando la construcción de las expectativas deseadas sobre los comportamientos, valores y conductas sociales esperadas en los *best-sellers* como vehículos de difusión de masa. De esa forma, analizo las formas de propagación de ideales sentimentales y sociales que han sido construidos históricamente y que existen en nuestra sociedad.

Palabras-clave: Literatura; Relaciones de género; Conductas sociales.

A literatura de massa é um fenômeno contemporâneo dotado de uma grande força de atratividade, influência e comunicação com o público a que se destina. Embora seja criticada por sua qualidade estética e estilo de produção, não resta a menor dúvida que ela é amplamente consumida por suas leitoras e, odiada ou amada, se transforma em um fenômeno de venda e discussões sociais. "É preciso, sem dúvida, que o produto, para ser bem consumido, agrade, atraia, comova, sensibilize. Mas, para tal o produtor/autor tem de estar em sintonia com o repertório ou universo mental do consumidor/leitor" (CALDAS, 1987, p. 14).

É justamente a composição desse "universo mental da leitora" – que provoca uma comoção de leitura de romances folhetins desde o século XIX –, com permanências e mudanças históricas e antropológicas, que visamos refletir neste trabalho. Que tipo de romances contemporâneos as mulheres estão consumindo e quais são as imagens e modelos que estão sendo lidos? Que discursos estão sendo criados?

Em termos históricos o conceito de sociedade de massa[1] surge no século XIX com o desenvolvimento do processo de urbanização, da produção em larga escala na Europa e da economia capitalista. Desde o final do século XVIII na Europa, romances em formato de folhetins são publicados em jornais e lidos avidamente por um público que se interessa por essa literatura cotidiana. No Brasil, os romances folhetins fazem também um enorme sucesso durante todo o século XIX.

O início do século XX no Brasil trouxe não apenas a república, mas, sobretudo, o desenvolvimento da indústria cultural no país que, dentre outros produtos, fabricava livros voltados para as mulheres. A ideia era produzir, com material barato, histórias de entretenimento e que agradassem a um expressivo número de pessoas, criando um público cativo e ansioso por consumir sempre novas edições. O romance com suas narrativas fantasiosas, enredos envolventes e personagens fascinantes já tinha se mostrado de grande sucesso no gosto das consumidoras em outras épocas. A leitura cria significados simbólicos capazes de expressar na obra literária aquilo que não acontece na realidade, funcionando como um imaginário ficcional forte e sentimental para a leitora. A relação texto-leitora se constrói nessa identificação e desejo de acomodação das tensões do mundo.

A tentativa de recriar uma ambientação realista e as experiências vivenciadas no cotidiano contribui para a criação de um lugar de fala pedagógica, ensinando regras de comportamento, modos de sentir, viver e ser em sociedade. O público que mais consome este tipo de literatura é majoritariamente composto por mulheres. O romance estilo folhetinesco que se populariza com características profundamente inalteradas e repetidas em série e calcadas nas sensibilidades, no melodrama explícito e com "previsíveis e redundantes narrativas, pieguice, lágrimas, emoções baratas, suspense e reviravoltas, linguagem retórica e chapada, personagens e situações estereotipadas etc." (MEYER, 1996, p. 157) faz com que essa literatura seja escrita de maneira contínua pretendendo atingir, provocar e construir um cativo público leitor eminentemente composto por mulheres. Assim, a desnaturalização das relações de gênero contribui para evidenciar as construções históricas das representações desta mulher

leitora, civilizada, contemporânea, que se espelha nas elites europeias que surgem no Brasil a partir do século XIX[2]. Neste sentido, é preciso compreender as naturalizações culturais entre os gêneros e suas condutas sociais

> [...] porque gênero é a lente de percepção através do qual nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino. Uma "análise de gênero" constitui nosso compromisso crítico com estes significados e nossa tentativa de revelar suas contradições e instabilidades como se manifestam nas vidas daqueles que estudamos (SCOTT, 2012, p. 332).

O vocabulário e a linguagem mais acessíveis não são o suficiente para explicar a atração causada por tais romances. É preciso pensar que eles compõem um universo muito mais intangível nas mulheres: eles nos fazem sonhar. Mas que sonhos estamos vivendo?

Assim, através da comparação dos romances *best-sellers*: *Magali*, de M. Delly e a trilogia romântica *Cinquenta Tons de Cinza*, de E. L. James, busco investigar a percepção das relações amorosas construídas nos séculos XX e XXI, dentro de um viés analítico histórico e antropológico, percebendo as relações de poder construídas nos discursos desta literatura. Conforme comentários das leitoras a respeito do livro, no blog de Márcia Tiburi,

> O importante, na leitura, é o prazer que se extrai dela. Algumas pessoas têm prazer na leitura fácil, que as ocupe e permita ter com quem comentar. Outras no vocabulário rico, resgate histórico, riqueza de detalhes, com que se descrevem sensações, personalidades, paisagens. A escritora, e a editora, conseguiram identificar o prazer que as pessoas teriam lendo. Não têm de ser criticadas. Se produtos de R$ 1,99 vendem, há quem os fabrica. Se livros populares vendem, haverá quem os publique. Ninguém é obrigado a ler. (04 dez. 2012)[3]

Neste sentido, busco compreender a construção discursiva e representativa realizada sobre as construções sociais primárias entre os gêneros, revelando a edificação das expectativas e desejos almejados sobre os comportamentos, valores e condutas sociais circulantes nos romances *best-sellers*, que são veículos de divulgação em massa. Sobre os *Cinquenta Tons de Cinza*, no blog de Márcia Tiburi, uma leitora faz o seguinte comentário

> [...] erudicao por erudicao deixa a gente chata. As vezes é necessario uma leitura mais "alienante" para esquecer um pouco da rotina. Mas se o fenomenno é tanto; do que as pessoas andam querendo falar, pensar e sentir que isso [esse] livro captou??? (05 dez. 2012)[4]

Desta maneira, analiso as formas e a força da propagação de ideais sentimentais, culturais e sociais historicamente construídas que existem em nossa sociedade. O desejo e os sonhos são um motor fundamental para as nossas escolhas na vida. As sensibilidades são nossa forma primária de estar no mundo e se encontram na maneira central da formação e construção do imaginário social, sendo a maneira como reconhecemos e traduzimos a realidade de nossa forma de estar, sentir e existir no mundo. As subjetividades possuem força de construções mentais e culturais e se traduzem em falas e representações construídas em processos históricos.

Os Romances M. Delly

Madame Delly é o pseudônimo que foi adotado pelos irmãos Jeanne Marie Henriette de La Rosière Petitjean e Henri Frédéric Joseph. A irmã Marie foi responsável pela maioria das publicações como principal autora e ao irmão são atribuídas as funções de editor[5]. Juntos, escreveram mais de cem romances.

Os romances M. Delly possuem cenário na Europa entre a segunda metade do século XIX até meados do século XX. Foram publicados na primeira metade do século XX pela Companhia Editora Nacional, em São Paulo, na coleção "A nova biblioteca das moças". Eram, portanto, livros direcionados para as moças de família da classe média da sociedade brasileira. O imaginário da época valorizava sobremaneira o elemento europeu, e assim, a ideia da fantasia de ler sobre homens e mulheres cortesãos aguçava as modas brasileiras.

> Os protagonistas dessas histórias são, na grande maioria das vezes, homens e mulheres membros da aristocracia européia, que viviam em castelos suntuosos, onde se realizavam festas, saraus, bailes.
> O expediente de colocar aristocratas e fidalgos em quase todas as histórias favorece um clima de fantasia, uma forma de continuação dos contos de fada e isso parece ter agradado às expectativas da leitora burguesa, em especial. A França – palco da maioria das histórias – exercia ainda grande poder de fascínio no imaginário brasileiro. Hábitos, modas, mobiliário, vocabulário e educação, por exemplo, mantinham uma tônica francesa e é principalmente de Paris que vem manuais de delicadeza, e de guloseimas disputados pelas mocinhas casadoiras. Também, era considerado refinado para a burguesia ascendente brasileira, do início do século até as décadas de 40 e 50, aprender a falar francês e ler, também, literatura francesa (CUNHA, 1994, p. 140).

O enorme sucesso de leitura desses romances mostra que as mulheres durante muitos anos se identificaram com esse tipo de cenário e história nos quais a mocinha passa por uma série de intempéries, mas se ela fizer tudo certo encontrará a felicidade que só o matrimônio pode trazer. Há, aqui no Brasil, uma história e um caminho aberto para esta literatura de massa em série.

A ideia é compreender os caminhos pelos quais se constroem o encantamento por esse universo fantasioso em narrativas cujas qualidades morais alimentavam verdadeiras codificações de modelos a serem conduzidos na vida cotidiana. Desse modo é preciso compreender que os romances de M. Delly:

> [...] urdidos com certas palavras, em certos cenários e com certos personagens – fornecia alimento para o imaginário da leitora e, ao mesmo tempo, divulgava normas, valores e condutas que apropriados via leitura, se ligariam a uma certa construção da sensibilidade romântica feminina (CUNHA, 1998, p. 100).

A sensibilidade romântica feminina é uma maneira de entender o mundo e se relacionar com a vida e as emoções que acontecem em um espaço social através dessas narrativas, representações e imaginários construídos. Nesse sentido, as mulheres e homens urdidos nos romances do século XX se constituem em importante foco de análise para compreender a

construção cultural e social das relações de gênero e códigos de valores morais e de conduta que permeiam as expressões de amor, os sentidos de si e as visões possíveis do mundo.

Magali: Um romance feminino do século XX

Magali é um romance que conta a história de dois irmãos que ficaram órfãos e são criados por caridade pela senhorita Nouey – dama de companhia da duquesa de Staldiff –, que ao encontrá-los sozinhos com a mãe morta em um trem para Paris resolve acolhê-los. As crianças, Magali Daultey e Freddy Daultey são filhos de Lucas Daultey – artista, aventureiro de família antiga e nobre que fora para a América. A trama se desenrola na residência de verão dos duques de Staldiff, a Hawker-Park, com a presença de uma série de lordes e famílias ricas e cortesãs.

Magali cresce sob a supervisão da senhorita Amelia Nouey, de maneira bastante religiosa e casta. Isabel, filha da duquesa, se afeiçoa por Magali e constantemente requisita sua presença para os eventos. Geraldo, o irmão de Isabel e duque de Staldiff – e mocinho da história –, inicialmente se desagrada da aparência e da figura de Magali, chegando a afirmar que a moça é feia.

Há um episódio no início da trama que acompanha todo o livro. Geraldo, enfurecido com um de seus lacaios por esse ter esquecido uma ordem que recebera está a chicoteá-lo e Magali, ao ver a cena, coloca-se na frente do rapaz e apanha no lugar do menino. O episódio é sempre lembrado com profundo remorso e dor por ambas as partes, como algo inaceitável, uma mácula para a união de Geraldo e Magali.

A trama se desenvolve para mostrar a história de amor entre Magali e Geraldo. O cenário é Hawker-Park. As situações se desenrolam em uma série de pequenas ações mundanas. A moça cresce e mostra-se uma mulher extremamente religiosa, humilde, mas altiva, como se estivesse em sua existência a elegância da corte.

> [...] herdeira da raça grega, com esse andar, a um tempo majestoso e soberanamente elegante, a graça esbelta, mui patrícia, e a ativa simplicidade que deveriam ter a bela Nausica e suas companheiras ou Antigone guiando Edipo, seu pai (DELLY, 1934, p. 33).

Magali é uma moça que não pretende desafiar as leis e as normas sociais vigentes. Ela é uma boa cristã e pretende tão somente se manter de acordo com as regras e leis que forem de acordo com os preceitos que não firam a moral e os bons costumes da época. É o ideal da boa moça.

O grande desafio de Magali é aprender a resistir à vida mundana em meio a uma realidade repleta de tentações e devaneios entre duques e lordes. Ela não deseja a vida da corte e apenas quer a reclusão de sua vida simples que a condição de sua criação havia lhe dado. Magali representa o ideal feminino conservador e tradicional dos anos trinta no Brasil: a mulher preparada em todos os seus atributos para contrair núpcias e ser boa mãe e dedicada esposa cristã.

> Magali ensinava o catecismo aos garotos. Era um encanto ouvir essa voz harmoniosa explicar, em termos muito chãos, de uma clareza transparente, as verdades da fé. Essas

> palavras vinham impregnadas da alma crente de Magali; nelas vibrava todo o seu coração de mulher terna e compassiva. Às vezes, porém, o tom tornava-se enérgico, quasi severo, quando os jovens ouvintes se mostravam distraidos.
> – Que boa educadora ela ha de ser! murmurou o duque. É o ideal feminino: bondade, dedicação, energia, delicadeza incomparavel. E aquela modéstia, aquela simplicidade, que faz que se ignore a si mesma!... (DELLY, 1934, p. 213).

Interessante notar que a leitura destes romances fez sucesso justamente entre meninas de escolas religiosas no Brasil, o que demonstra a afinidade e a representação entre os valores e normas de conduta das personagens e de determinados setores e instituições daquela época em que eram lidos e consumidos.

> A *Biblioteca das Moças* fez muito sucesso de público e vendas, e, sua leitura era também bastante incentivada nos colégios religiosos notadamente os de procedência francesa que marcaram significativamente a educação feminina da burguesia brasileira (CUNHA, 1994, p. 140).

Magali representa o ideal de mocinha bem educada, a mulher dedicada, solícita, religiosa, bondosa, generosa, recatada, caridosa, que abdica de si para os outros, cuja alma gentil e elegante nasceu para servir, possuindo todas as boas e perfeitas características da mulher/esposa/mãe ideal dedicada e servil. É o arquétipo típico da mulher perfeita. Não lhe faltaram, portanto, pretendentes. Mas até nisso ela será recatada e humilde: seu coração só poderá pertencer ao amor ideal forjado em atitudes, abençoado por Deus e permitido pelas convenções sociais corretas.

Geraldo, o mocinho, se apaixona perdidamente por Magali, e quer se casar com ela, "por amor dessas deliciosas virtudes, por amor dela, só por ela!" (DELLY, 1934, p. 227). O mocinho, que no início da trama a desprezara, chegando a lhe bater com um chicote, era agora dela seu prisioneiro no amor. A diferença de classe social o incomoda, mas ele decide que Magali possui qualidades que superam essas questões.

> [...] se não seria loucura e erro imperdoável que, por uma simples questão de classe social, deixasse escapar-se-lhe das mãos o tesouro que era essa mulher virtuosa e linda, essa cristã fervorosa, vibrante de terna caridade, essa Magali, essa criatura tão maravilhosamente dotada, que seria sua auxiliar, a sua conselheira, a sua querida companheira nos dias prosperos e nos dias adversos, a sua iniciadora nos preceitos sagrados do Evangelho... A prova do tempo, que lhe recomendara o padre Nouey, apenas conseguiria radicar mais profundamente nele essa imagem sedutora. Não seria isso um sinal de que a Providencia, a despeito de todas as aparencias, lhe destinava Magali Daultey? (DELLY, 1934, p. 227).

Magali, no entanto, não aceita se casar com um homem que seja de uma classe social mais elevada que a sua, achando que isso trará dissabores para a relação, posto que ela é apenas uma "mulher" sem nenhum dote e criada pela caridade, e, portanto, uma mulher sem importância social. Isso demonstra ainda mais sua humildade e sua força de caráter.

Ela inclusive recusa alguns pedidos de casamento que poderiam ocasionar essa desgraça e se mantém firme em suas convicções. Geraldo, contudo, é o homem certo para a vida de Magali, pois ele é quem a salva das mãos do perverso Roswell, o malvado secretário que tenta

raptá-la usando um poderoso veneno. Assim, o recurso do mocinho que salva a mocinha aparece na trama e é acionado. A vida da mulher está nas mãos do homem e sua salvação na dependência do masculino. Ela, extremamente agradecida, finalmente o perdoa pelo episódio de infância, quando ele bateu nela com um chicote.

Somente quando se descobre no final do livro que Freddy e ela são herdeiros da fortuna de lord Lowetead por parte de mãe, segredo este que havia sido escondido por orgulho da parte do lord por desavença familiar antiga, e, portanto, que ela também tinha sangue nobre, é que Magali se permite aceitar o pedido de casamento.

Geraldo e Magali casam-se de forma bastante piedosa, confiando em Deus a relação, e são felizes ao final da obra. A noção de que o amor sempre vence e que ele é destinado a quem faz o bem se revigora neste romance. A mocinha perfeita e o mocinho redimido juntos podem ter um final feliz.

Os 50 *tons de cinza*: O romance da mulher contemporânea

Cinquenta tons de cinza é um enorme sucesso editorial. Publicado em três volumes, a saga surgiu em 2009 e foi inicialmente publicada na internet como uma *fanfic* de Crepúsculo, sob o título de *Master of the Universe* "MOTU", na qual Erika L. James escrevia sob o pseudônimo de Snowqueen´s Icedragon. Com o sucesso e o desenvolvimento da saga, as ligações da obra com a trama vampiresca foram sendo retiradas e a autora decidiu começar a escrever em um blog próprio. Além disso, houve a possibilidade de terminar a saga em formato de *e-book* e depois em livro impresso. A obra já foi traduzida para pelo menos 37 línguas e é um *best-seller* de enorme sucesso de vendas. Há inclusive um filme já feito em Hollywood baseado no primeiro romance da trilogia, que foi lançado dois dias antes do dia dos namorados americano – 12 de fevereiro de 2015 –; e há anúncios de planos para a filmagem dos próximos roteiros dos demais livros.

Há um aguçamento do imaginário feminino em torno deste romance que é preciso ser investigado. As características do amor romântico e do erotismo atraem os modos de expressão do público leitor contemporâneo e a mescla desses dois elementos parece exercer um fascínio social imediato na venda dos livros, o que demonstra a necessidade de um encantamento da ficção imaginada sobre a possibilidade do real vivenciado em cinquenta tons de discussão. Cabe a nós, pesquisadoras e pesquisadores, mergulharmos nessa jornada.

Cinquenta tons Femininos

Descerra-se o livro: inicia-se a poética da vida social. Anastasia Rose Steele; uma jovem de 21 anos surge penteando os cabelos que não a obedecem e amansando-os em um rabo de cavalo para ir fazer uma entrevista para o jornal da faculdade, no lugar da amiga Kate, com Christian Grey, enigmático CEO da Grey Enterprises Holdings Inc. Os cabelos de Ana também aparecem no livro presos em marias-chiquinhas, um típico penteado infantil, após ela perder

a virgindade. Se de um lado isso é o reforço de uma fantasia erótica extremamente impensada (cuja fala de Grey "você parece uma garotinha com esse penteado – murmura, e se adianta [...] a expressão dele é ardente, cheia de desejo" (JAMES, 2012a, p.127), deixa claro que faz parte de um certo imaginário masculino), de outro é assumido um posicionamento inferiorizado em relação ao outro que se quer dominante.

> Escolhi falar dos cabelos das mulheres porque são o símbolo da feminilidade, condensando sensualidade e sedução e atiçando o desejo. [...] O pêlo sugere a animalidade da lã, das peles dos animais. [...] O pêlo mal domesticado sugere a presença inquietante da natureza (PERROT, 2008, p. 51).

Ela aparece como uma jovem estudiosa, solícita a amiga, ligeiramente desastrada, insegura e ansiosa, tanto que quando ela consegue chegar ao local da entrevista, ela tropeça e cai de quatro no vão da porta da sala, ficando assim em posição sugestivamente erótica na primeira vez que encontra com Grey.

A entrevista acontece em clima de tensão de olhares e palavras. Ambos se sentem afetados. Ela o descreve como arrogante, de modos impecáveis, autocráticos e frios. As ordens dele a dominam. Se de um lado ela é muito contida, ele está "acostumado a fazer o que quero, [...] a respeito de tudo". (JAMES, 2012a, p. 43). No início do romance há uma grande tensão romântica onde está presente a ideia de que eles pertencem a mundos diferentes e por isso não podem se relacionar. É um velho clichê romântico que atrai o público e faz com que as pessoas torçam para que a mocinha e o mocinho consigam superar as barreiras sociais e econômicas que os separam.

> Somos diametralmente opostos e de dois mundos muito diferentes. Eu me imagino como Ícaro se aproximando demais do Sol e caindo na Terra todo queimado em consequência disso. As palavras dele fazem sentido. Ele não é homem para mim. Foi o que ele quis dizer, e isso torna sua rejeição mais fácil de aceitar... um pouco (JAMES, 2012a, p. 52).

Não obstante, ele a presenteia com livros raros. Ela fica emocionada, constrangida, mas feliz com a atenção. Mas aí acontece, acredito, a primeira situação que sinaliza a característica controladora desmedida do personagem. Ana bebe em um bar e liga para Grey. Ele rastreia o telefone dela, vai buscá-la e a retira do bar. É um romance no qual ele é o "cavaleiro das trevas e o mocinho" (JAMES, 2012a, p. 85). No entanto, a trama é urdida de tal maneira que parece que Grey está de fato salvando a mocinha das mãos de José – amigo de Ana –, que está tentando beijá-la contra sua vontade. É a inversão da vontade do desejo dos domínios. Ele se torna o salvador contra os perigos da donzela solitária em apuros na noite. É a inocência da virgem versus a experiência do mocinho dominante.

No lugar do entendimento de que o mocinho está extrapolando os limites da individualidade da mocinha, a trama se compõe de cenas que a colocam em situações que ameaçam sua integridade física e moral, criando padrões ilusórios nos quais Christian Grey, o mocinho, aparece como o grande salvador de sua honra e virtude. É no dispositivo amoroso que a obra constrói sua teia de ilusões. O erótico em cena excita no limite da necessidade que equilibra as pulsões de vida e morte, fantasia e ação, mercadoria e costumes, como sinônimos da transformação da dessublimação repressiva desvelada nos limites da liberação sexual contemporânea[6].

A história então caminha para a grande questão já conhecida: o contrato de submissão. Ana assina um termo de confidencialidade e Christian a leva ao quarto dos jogos. Lá encontram vários tipos de brinquedos sexuais de Bondage. Ele fala em conquistar a confiança e respeito dela para que ela o obedeça totalmente e se submeta completamente aos desejos dele. Então ele apresenta a ela o contrato de submissão que inclui itens como "Obediência", "Sono", "Alimentação", "Roupas", "Exercícios", "Higiene pessoal/Beleza", "Segurança Pessoal", "Qualidades Pessoais", "Limites rígidos" e "Apêndices". Então ela conta que é virgem e a reação dele é ficar profundamente irritado e afirma que vai resolver o problema naquele momento! E, assim, ele retira a virgindade dela.

O livro então se compõe das aventuras sexuais dos dois e da discussão a respeito do contrato de submissão que ela deverá ou não aceitar e assinar, para, enfim, se submeter a ele. Anastasia admite que tem medo de receber castigos físicos: "[...] no fundo, são as varas e os chicotes que me desanimam. Sou covarde fisicamente, e faço de tudo para evitar sentir dor. Penso no meu sonho... seria *assim*? Minha deusa interior está aos pulos com pompons de animadora de torcida gritando que sim." (JAMES, 2012a, p. 211)

A intenção da autora é promover a ideia de que, mesmo tendo medo da situação, Ana quer vivenciar a experiência total de ser do outro. A deusa interior é o inconsciente que, junto com os hormônios de Anastasia, está sempre pedindo a ela que se entregue sexualmente a Grey. Ela o provoca até que ele a surre, terminando excitada e gozando em um cenário que ela descreve como "degradante, assustador e excitante".

> Ele me bate de novo, depois me afaga. A combinação da dor da palmada forte com o carinho é muito cansativa. Ele me bate de novo... isso está ficando mais difícil de aguentar. Meu rosto dói de tanta tensão. Ele me afaga com delicadeza e depois volta a bater. Grito de novo.
> – Ninguém vai ouvir você, baby, só eu.
> E me bate de novo e de novo. Do fundo da minha alma, quero implorar para que ele pare. Mas não faço isso. Não quero lhe dar esse prazer. Ele continua naquele ritmo sem trégua. Grito mais seis vezes. Dezoito tapas ao todo. Meu corpo está urrando por causa desse ataque impiedoso.
> – Chega – sussurra ele asperamente. – Muito bem, Anastasia. Agora vou foder você (JAMES, 2012a, p. 246).

Depois da surra, ele manda um e-mail descrevendo-a como a mulher simplesmente mais perfeita, mais linda, inteligente, espirituosa e corajosa que ele já conheceu e a trata com imenso carinho, chegando a afirmar que Ana o enfeitiçou. Ela chora e fica irritada com o que se passou. Ele vai até a casa de Ana, a consola e dorme abraçado com ela. Ela se sente grata. "Puta merda. Christian Grey está dormindo comigo e, aninhada em seus braços, caio em num sono tranquilo" (JAMES, 2012a, p. 259). O encanto romântico está na ilusão do diálogo. Ele diz que ela precisa dizer a ele quais são os limites que ela impõe, que ele não fará nada que ela não quiser, que tudo é uma questão de escolha dela. A questão sempre recai na questão da escolha. Do livre-arbítrio dela. Deixar de ter liberdade é a grande liberdade que ela poderá escolher. A despeito de todas as lutas feministas para igualdade de direitos entre os sexos, a mulher, na realidade, neste primeiro romance da trilogia, deve buscar um mocinho que

a faça se sentir protegida – mesmo que não amada em princípio, pois ele deixa claro que a relação deles não se trata de amor, mas de um contrato erótico de dominação – e se entregar totalmente às suas ordens e comandos.

O tempo todo da trama ele repete "se você fosse minha". Ele compra diversos presentes para ela, tais como um laptop e um carro, e mesmo ela não gostando, os aceita. E de repente ela entende o que significa. Ele de fato quer que ela seja dele. Como uma propriedade. O contrato de submissão significa se tornar efetivamente dele. Fazer o que ele quer, quando ele quer, como ele quer. E ela fica excitada de alguma maneira com isso. Lisonjeada com a atenção e a admiração que ele dispensa a ela. Ana fica impressionada que um homem como Christian a deseje e tem medo de perdê-lo. Um deus do sexo controlador como ela o chama. O desejo intenso que ele possui por ela encanta a jovem. É o encanto do desejo de ser desejada por um homem poderoso e sedutor. Ela se sente lisonjeada de ser escolhida por Christian Grey, alguém que estaria fora de cogitação dentro dos padrões normais de sua vida. É a ideia de que um príncipe encantado subitamente aparecerá na vida da mulher ordinária e trará um mundo de fantasias e romance sexual que atrai e seduz. Neste sentido, é o desejo da mulher virtuosa de ser desejada e amada que está em jogo. Ela é algo a ser conquistado, com objetivo e finalidade em jogo.

> O desejo de ser desejada, o inscrever-se pelo olhar do amado, parece ser estruturante da identidade amorosa feminina: a metáfora de ser desejada sexualmente se sobrepõe à metáfora de ser reconhecida pelo olhar masculino e as duas se retro-alimentam. O desejo amoroso e sexual masculino aparece como aquele que se reconhece porque deseja a mulher mais do que por ser desejado. A metáfora de desejar se sobrepõe à posição de ser aquele que representa o poder e a lei de reconhecer. Parecem ser os registros da sexualidade e da afetividade, os registros que mais inscrevem o modelo hierárquico de gênero. O contrato com a posição de provedor é ardiloso porque tem como contra-prestação, ou como contra dádiva, a **sexualidade virtuosa da mulher** (MACHADO, 1998, p. 30, grifo da autora).

As vivências de um erotismo e das experiências sexuais que ele proporciona são de uma sedução irrefutável para a vida dessa mocinha contemporânea recém-deflorada. Com Christian Grey, ela vivencia uma relação erótica intensa: escondida de todos, aflora o seu desejo e seu gozo.

> O erotismo nasceu do interdito, vive do interdito, e se não tivéssemos o interdito em nós mesmos, se não conservássemos esse sentimento de interdito no que tange o essencial do erotismo, não poderíamos ser eróticos no sentido em que falei (BATAILLE, 2013, p. 325).

Com isso a autora promove um espaço paradoxal para Anastasia: ela é tanto um lugar de libertação do sexo quanto um aprisionamento da personagem por essas mesmas atividades. Ninguém pode saber de suas atividades sexuais, nem a sua melhor amiga, e ela fica completamente entregue a essa nova paixão. Ele é o príncipe que a leva para jantar e o homem que lhe tira o fôlego na cama. Quando ele propõe que a surre, ela cede diante da possibilidade e se entrega à experiência: "A dor física provocada por uma correada não é nada comparada a essa desolação."[7] Ou seja, ficar sem Christian Grey é uma experiência que a abalaria profundamente e ela prefere se submeter a castigos físicos imputados por ele do que ficar sem sua presença.

É como se tratasse simplesmente de uma nova forma de entender o mundo. Se ela aceitasse o "novo estilo de vida" não haveria nenhum problema na maneira de viver. Nesse sentido, há um transbordamento da questão sexual da submissão para todos os aspectos do viver, o que implicaria em ser totalmente do outro. A hierarquização dos gêneros se coloca como algo opcional, portanto, algo que subverte a ideia de desigual: é uma escolha.

O sadomasoquismo (S/M) presente na história rege a vida romântica, sendo responsável por todos os aspectos da vida do casal: Grey impera sozinho na cena submetendo os sentimentos e emoções de Ana aos seus desejos. Desse modo, não há verdadeiramente uma relação entre pares, uma negociação de sentidos legítimos, mas um lugar de violência entre corpos ativos e passivos. A autora tenta construir a imagem psicológica superficial do mocinho em torno do S/M, atribuindo a ele seu caráter dominador e controlador, colocando a culpa de seus "defeitos" em um passado de abusos sexuais. A visão contemporânea do sadomasoquismo, ao contrário, repudia tal imagem, pois afirma que não há esta borragem agressiva e abusiva, mas, sim, um espaço de negociação entre iguais – em uma espécie de acordo de confiança –, o que evidentemente não é o foco na trama dos "Cinquenta tons".

> O contra-discurso fornecido acentua, ao contrário, que S/M é um jogo erótico de poder e não um abuso físico ou emocional. E re-conceitua essa alternativa em sintonia com os participantes de grupos organizados de S/M que preferem adotar outras expressões para designá-la: jogos dominação/submissão, sensualidade e "mutualidade", mágica sexual, sexo radical ou jogo de poder e confiança. Esses grupos têm o cuidado de, em suas palestras e workshops, divulgar a necessidade das práticas S/M se darem em meio a um contexto de segurança e estruturado a partir da negociação e comunicação entre as pessoas envolvidas [...] (GREGORI, 2003, p. 117-118).

No entanto, o argumento da autora tenta passar a imagem que a relação de ambos simplesmente constituiu-se de uma negociação S/M, mas sua obsessão em afirmar "Você. É. Minha" e controlar todos os movimentos e ações da parceira são atitudes que transbordam os jogos de dominação do sadomasoquismo e situam-se em uma relação patológica de controle obsessivo.

No final da trama Anastasia Steele pede que Christian mostre o quanto ele pode machucá-la e parece indicar que Anastasia não tolera os 50 tons sombrios de Christian Grey. É o momento em que a mocinha demonstra sua força. No entanto, o final do primeiro livro contém o primeiro capítulo do segundo livro no qual aparece uma Anastasia devastada pela separação. Cinco dias se passam e Christian a toma nos braços no meio de um evento cultural promovido por um amigo de Ana, demonstrando que ele também não conseguira ficar longe dela. É também a demonstração de posse sobre seu corpo e domínio sobre a relação. Fica bem claro, a partir do segundo livro, a questão da efetivação de um código relacional de honra baseado em valores cúmplices e pactuantes entre os personagens Christian e Ana. De um lado ele, provedor, controla a situação, de outro ela, que em nome do amor mantém a expectativa de uma igualdade da relação[8].

Ele afirma que está disposto a fazer o que for preciso para que a relação dos dois dê certo e pede o retorno do relacionamento. Ela está no novo emprego e ele não consegue ficar longe dela. A saga evolui. Aparentemente vemos a mocinha conquistar uma nova posição no jogo de poder – a suspensão das regras e punições – e Grey dizer que não consegue viver sem ela.

> Para eles, em nome da honra, e da função de provedor, podem controlar, fiscalizar e punir suas companheiras. Permitem-se porque homens provedores, cercear o direito de ir e vir, de impedir o acesso ao trabalho de suas companheiras, de inspecionar órgãos sexuais para garantir que não houve traição, e "bater" se sentem ciúmes ou se não recebem a atenção requerida. Contudo, ainda que saibam e se refiram à ilegitimidade da violência, em função dos direitos da companheira, prevalece a legitimidade do valor da "honra", e a legitimidade do poder derivado de sua função de provedor, em nome do qual consideram legítimo o seu comportamento, minimizando e marginalizando o (re)conhecimento dos direitos individuais das companheiras (MACHADO, 2000, p. 14).

No entanto, páginas depois sabemos, por exemplo, que ele compra a SIP, empresa na qual ela trabalha e a mocinha, ao saber disso, fica com raiva, mas o perdoa pois ele alega que é para a segurança dela, para sua proteção. A compra da empresa se torna uma razão a mais para o controle absoluto sobre a vida de Anastasia. Durante o segundo e o terceiro livro, o trabalho que Ana tanto preza, torna-se um item opcional, que Grey enfatiza: é algo que Anastasia faz porque deseja. Em tom de brincadeira, ele inclusive chega a afirmar que ela é um de seus bens, e quando ele deseja possuí-la sexualmente, ela vai embora do emprego mais cedo (ex.: ver capítulo 17 do livro 3).

> É na esfera das representações amorosas e afetivas, que mulheres valorizam e buscam um companheiro protetor, que as englobe hierarquicamente a partir de uma posição superior. Muitas vezes, buscando um amor marcado pela qualidade de um parceiro protetor, é que se encontra um companheiro muitas vezes possessivo, controlador e violento (MACHADO, 2000, p. 14).

Apesar de Grey dizer no terceiro livro que quer dar a empresa como presente de casamento para a esposa, ele mantém o controle segundo a segundo sobre suas atividades diárias, mantendo uma rede de seguranças particulares, uma lista de visitantes proibidos, ligações e e-mails diários constantes, tudo sob a pretensa alegação de amor extremo e proteção. Uma das preocupações constantes de Grey está no controle corporal de Anastasia, que se pode observar pela regulação com sua alimentação. A argumentação reside em uma preocupação carinhosa com sua dieta, mas a comida representa um elemento transfigurativo que significa manter sob vigilância toda elaboração identitária sexual em sua regularidade enunciativa.

A obra se desenvolve mostrando a relação dos dois. Ele é profundamente ciumento com qualquer homem que se aproxime de Ana. O novo chefe de Ana, por exemplo, insiste constantemente que eles saiam para tomar um drinque. Logo no início da trama, Christian alerta a ela que Jack, o chefe, "quer entrar em suas calcinhas", o que se revela verdadeiro. A questão que se coloca é que, na obra, realmente todos os homens que se aproximam de Ana, de alguma maneira estão flertando com ela, então fica mais fácil para as leitoras aceitarem o ciúme de Grey. Por causa de uma ex-submissa dele que está perseguindo o casal, ele também coloca um guarda-costa para vigiar Ana no trabalho. Ele monitora constantemente os e-mails dela. Tudo pela segurança. Ela aceita, pois a grande questão que está em jogo é a garantia do amor de Christian. Ele não quer que ela vá trabalhar para não ficar distante dele. Ela insiste e ele deixa, mas monitora o dia todo dela.

O amor é a base da conquista e da submissão de Anastasia e a justificativa de todos os atos de Christian Grey. As atitudes de Christian são sempre baseadas em um profundo sentimento de posse sobre o corpo de Ana. O amor para a mocinha, dentro da lógica romântica, é a certeza de fidelidade, conquista e não abandono. Com isso percebe-se o exercício do poder, subjugação e adestramento do corpo feminino ao imperativo do desejo masculino, colocando sob vigilância plena a personagem de Anastasia Steele, possibilitando um maior domínio sobre o seu comportamento e oferecendo a possibilidade de um amplo exercício de controle e influência sobre o mesmo.

> O exercício da disciplina supõe um dispositivo que obrigue pelo jogo do olhar; um aparelho onde as técnicas que permitem ver induzam a efeitos de poder, e onde, os meios de coerção tornem claramente visíveis aqueles sobre quem se aplicam (FOUCAULT, 1987, p. 143).

A violência vivenciada na saga é minimizada em função do teor romântico que ela possui. É a grande disfunção dessa obra. O fato dele querer controlá-la em todos os aspectos da vida dela (e conseguir), puni-la pelas suas "desobediências" batendo nela "amorosamente", é diminuído na trama pelos traumas do seu passado e por uma mania de controle que, no fundo, só quer protegê-la. É para o bem dela, "ele não fez por mal." [9] O mocinho quer o controle absoluto da mocinha, dominá-la em todos os sentidos, e aos poucos ele vai conquistando essa posse. E é pelo discurso amoroso que ele consegue alcançar e ganhar a mocinha.

> A construção da idéia do feminino parece assim se afastar da concepção do sujeito submetido, enquanto o contexto simbólico referido é diretamente o plano da sociabilidade, deixando que a marca mais funda da sujeição tradicional do feminino se refira quase somente à esfera da dimensão amorosa (MACHADO, 2000, p. 14-15).

Uma das reviravoltas do segundo livro é a declaração de Anastasia de que está disposta a deixar Christian vivenciar algumas de suas fantasias no quarto de jogos – ou quarto vermelho da dor – porque sabe de suas necessidades sádicas, como uma forma de retribuição pelo carinho que ele está oferecendo para ela. Em um determinado momento da trama ela pensa claramente: "[...] Sim, você é uma sortuda filha da mãe, meu inconsciente exclama. Mas você ainda tem um longo caminho pela frente. Ele não vai querer essa porcaria de baunilha para sempre.... você vai ter que ceder." (JAMES, 2012b, p. 199).

O sexo se torna um instrumento de barganha na relação do casal. Ela cede em termos eróticos para conquistar o amor do mocinho, confirmando a ideia de que fundamentalmente a mocinha se importa com a relação romântica na trama. A rebeldia, que aparece no primeiro livro como resistência às surras sádicas de Grey, se desfaz no segundo livro da saga, onde ela quer de maneira consolidada assegurar seu papel hegemônico como namorada de Christian, à custa de algumas surras. É o preço que ela está disposta a pagar pelo seu amor. No universo tradicional da lógica romântica, a autora inseriu este tipo de negociação erótica liberando uma série de fetiches e imaginações de ordem sexuais em cenários apimentados e descritivos. É uma espécie de evolução literária dos romances de banca de jornal que são consumidos durante todo o século XX.

Com isso, E. L. James atraiu um público de leitoras ávidas por um romance ideal no qual pudesse se identificar com a mocinha em diversas situações, mesmo que representativamente, afinal ela "só quer viver um grande amor". É a alegoria de vivenciar a experiência na leitura do que se deseja na vida, pois Ana como jovem inocente adentra em um mundo de grandes aventuras eróticas e vive intensamente um universo de luxo e riquezas materiais extremamente sedutor: ele é o provedor perfeito, mesmo sendo um grande controlador.

> Num entendimento antropológico, mesmo partindo de percepções diferenciativas, o amor é um tema universal por estar presente em todas as culturas, sendo a literatura sua principal colaboradora na construção imaginária do amor perfeito. Morin (2005, p. 136) evidencia que "sem a literatura, o amor não existiria. Mas, reciprocamente, sem a necessidade de amor, toda a literatura não existiria" (SOUSA, 2014, p. 47).

O segundo livro trata do momento romântico do amor transformador. Houve a conquista e agora se vivencia a transformação do mocinho pelo amor que a tudo transforma e tudo conquista. Na obra fica bem claro que Ana quer viver um grande amor. No entanto, ela não abre mão das regalias possíveis de uma vida rica e cheia de luxos. É a "riqueza obscena" (JAMES, 2012b, p. 243) a que ela se refere que vem acompanhada de um controle extremado de todos os movimentos de sua vida que ela aceita.

Christian Grey afirma que gosta de mulheres morenas, pois elas lembram a mãe dele. Todas as suas ex-submissas são morenas, assim como Anastasia Steele. Apenas a sua ex-dominadora Elena era loura. Ele se excita em bater em mulheres morenas porque quando era pequeno apanhava da mãe. A autora quer criar uma explicação psicanalítica ligada a uma pulsão de morte unida fundamentalmente à libido narcísica levando o ego a construir uma agressividade que impulsiona seus atos sádicos.

No entanto, Grey revela que foi passivo quando adolescente, tendo sido "abusado" – de acordo com as palavras de Ana – por uma dominadora. O seu incômodo em lidar com o assunto demonstra certa conotação de abuso e a posição de submissão, apesar de todo o tempo ele tentar afirmar que foi consensual. Os grupos de S/M inclusive dizem que nesse caso ele não seria um dominador e sim um "Switch" – aquele que muda eventualmente de posto em cena –, posto que no universo S/M estas categorias são fixas e não muito negociáveis. Dessa forma, a descrição deste universo não foi muito fidedigna, pois contém alguns erros e equívocos que geraram algumas críticas ao livro pelos leitores praticantes do sadomasoquismo, conforme mostra a reportagem abaixo:

> Não existe Christian Grey. O dominador real trabalha, tem contas para pagar. E o sadomasoquista não é uma pessoa descompensada _ explica Reine, desmentindo o roteiro que justifica as atitudes do protagonista baseadas em traumas de infância. O fato de Grey comprar Anastasia com computadores, carros e voos em aviões particulares também não é prática de um sadomasoquista. A praticante ainda explica que um submisso na atividade BDSM não é, necessariamente, um submisso na vida real.[10]

E Ana está disposta a manter a relação sádica/erótica e se tornar a "submissa da vida real" que Grey necessita para suprir suas necessidades e traumas de infância e se descobre aprendendo a gostar da relação por amor. "De repente, sinto-me quente, alvoroçada e úmida

em todos os lugares certos. Só mesmo Christian para me excitar apenas com um olhar e uma régua. [...] Eu o amo." (JAMES, 2012b, p. 224). É a representação da transformação e sacrifício da mocinha por amor. Ela ama, logo ela cede aos desejos mais impensados e necessidades do parceiro. Então ele provê incessantemente e exerce o controle por amor. Há o gozo mútuo do casal. É o romance perfeito. O segundo livro termina com a confirmação do amor através do pedido de casamento com flores em todos os cantos e com o triunfo da lógica romântica moderna, como nos livros de M. Delly. Há um final feliz. Neste sentido, há uma permanência de representações a respeito do casamento que continua sendo a consagração da felicidade moral da mocinha e seu destino.

> No plano das representações, o casamento era apresentado como a redenção da mulher já que todos os romances terminavam com o encontro do herói com a mocinha. O estatuto de esposa estava assentado no adjetivo feliz. Os enredos introduziam tons e imagens de um convívio a dois ideal, repletos de relatos adocicados de uma vida conjugal de paz e tranqüilidade (CUNHA, 1998, p.100).

O título do terceiro livro é "Cinquenta tons de liberdade", mas a liberdade para Anastasia Steele significa submeter-se completamente aos desejos de Christian Grey e na plenitude da submissão encontrar o caminho para sua felicidade na relação conjugal. Liberdade é estar sob controle[11]. A violência de uma dominação panóptica e a desigualdade estabelecida na relação é escamoteada pelos elementos romanceados, que propositalmente são inseridos na trama de maneira a seduzir a leitora e criar uma ambientação de espaço de proteção amorosa. Os desafios que ela faz ao marido – como fazer topless na praia ou responder a ele em algumas situações – jamais invertem a balança de poder estabelecida: ele domina e ela obedece. Ela afirma que a questão está no passado de Grey, a necessidade de controle e superproteção extrema de tudo e todos à sua volta, criando uma justificativa para suas ações, desculpando-o (JAMES, 2012c, p. 244). Em realidade, Ana parece uma mulher disposta a fazer qualquer concessão para se manter na relação conjugal.

Ela obedece tacitamente a todas as ordens de Christian Grey, mesmo contrariada, e quer curá-lo de todos os problemas de seu passado. Assim, a liberdade assume o caráter de uma cuidadora mágica do Outro que se apaga na relação. É a manutenção do relacionamento conjugal por parte da mulher que quer consertar os "defeitos" do marido para viver um grande amor. "Eu sabia que Christian Grey era Cinquenta Tons quando me casei com ele. Só preciso perseverar e tentar resolver isso com ele na base da conversa" (JAMES, 2012c, p. 152)

Anastasia Steele ou Anastasia Grey (já que ela muda de nome a mando do marido), por exemplo, esquece suas restrições nos primeiros livros e passa a afirmar que gosta de sexo bruto e passa a pedir que façam sexo no quarto vermelho da dor. Dessa maneira, liberdade assume a forma do encantamento pelo desejo e o prazer do outro pelo seu corpo.

A questão são os elementos românticos inseridos na trama: a ideia de um homem profundamente fiel, que finalmente consegue se entregar ao amor, que no fundo é só um homem carente marcado pela dor do passado e que precisa da ajuda dela para superar os seus traumas; e a mocinha que se sacrifica e aceita tudo que é preciso para ficar ao seu lado. Ele é um homem passional, que a ama loucamente e todas as suas ações não passam de atos

amorosos que visam demonstrar sua devoção a ela. No imaginário romântico, isso é o amor transformador e não um louco perseguidor psicopata.

Anastasia segue na trama tentando em tudo agradar ao marido. Quanto mais ele controla, mais ela se torna submissa. A mocinha só terá força de ação quando se trata de defender o território matrimonial. Quando ela descobre que está grávida e conta para Christian, ele reage com profundo desagrado e sai em um rompante, não antes de proferir diversos palavrões e ter uma grande discussão com Ana. Desconsolada ela aguarda a volta do marido, que retorna bêbado. Como uma boa esposa, ela o coloca na cama, e ao fazer isso, vê a mensagem em seu celular da ex-dominadora Elena. Ela fica furiosa ao saber que ele a procurou. Eles discutem e Ana se mantém firme em sua posição, não cedendo na briga. No entanto, a autora utiliza sempre de um recurso quando há algum tipo de resistência que coloca a balança da autoridade de Grey em questão: algo que ameaça a vida da mocinha. Nesse caso, a figura de Jack Hyde, o vilão, chantageando Anastasia pedindo dinheiro, o que no final das contas coloca fim à discussão, pois é sempre Christian, o mocinho, que salva Anastasia no final da cena. Com isso, anula-se o jogo de forças que poderia colocar em xeque algum tipo de desequilíbrio na relação de domínio/submissão entre Christian e Ana.

A história culmina com o nascimento do filho, uma nova gravidez de Ana para a alegria de todos e uma declaração de amor entre o casal. É o típico final feliz das histórias tradicionais de amor. Aparentemente, o casal tem tudo que precisa para ser feliz: muito sexo (prazer), amor incondicional e condições de vida confortáveis em termos materiais. A fantasia e o sonho do mundo contemporâneo para as mulheres. É o *happy end* do casal. "[...] Ele sorri e me beija novamente. – Amo você, Sra. Grey. – Também amo você, Christian. Para sempre [...]."(JAMES, 2012c, p. 518).

Os romances: dois momentos do século XX

Magali e Ana representam mocinhas românticas do século XX em busca da felicidade suprema do amor: a realização através de um casamento bem-sucedido e o encontro com o mocinho perfeito. Quais são as semelhanças e diferenças em suas características que povoam o imaginário da literatura?

Todos os protagonistas são brancos. Podem ter tez morena, como Magali, mas com cabelos loiros cendrados ondulados, como Geraldo que tem cabelos loiros cendrados encaracolados ou como Ana e Christian que tem cabelos morenos. Mas são romances entre pessoas brancas. O que demonstra uma construção de mundo que apresenta um determinado universo representado, no qual mocinhos e mocinhas coadunam com lógicas excludentes sociais. A não representação é uma forma de apagamento e um reforço da criação de expectativas de maneira negativa.

Christian e Geraldo possuem posição superior a Ana e Magali socialmente. São mais ricos e bem-sucedidos que suas parceiras, demonstrando uma clara hierarquização entre os gêneros. Christian é um homem contemporâneo bilionário – o menino pobre adotado pela família rica que fez sua própria fortuna – e Geraldo representa um nobre, a permanência

aristocrática do poder. Apesar das diferentes origens, o mocinho continua representando o lugar de provedor familiar, aquele capaz de providenciar para a mocinha e os filhos o pagamento de todas as despesas necessárias para a manutenção de uma vida confortável e feliz. A mocinha, neste sentido, mesmo fazendo questão de trabalhar, sabe que sua atividade é um mero luxo e que não tem a menor necessidade disso. Nesses romances, o trabalho feminino é aquilo que se faz apenas por satisfação pessoal, pois o homem é quem sustenta o lar.

Magali representa uma noção conservadora do século XX: a mulher trabalha apenas até casar, pois sua condição é desfavorável e ela precisa do dinheiro para se sustentar. Ao final do romance, ela descobre que também é de origem nobre, reforçando a noção de um papel seguro de esposa e mãe ao lado de seu marido. É a ideia elitizada de que a mulher deve ser escolarizada e até possuir uma profissão, mas se dedicar preferencialmente aos cuidados da casa e dos filhos.

Outros tempos, lutas feministas, outras sensibilidades e a personagem Ana luta para manter seu emprego e sua carreira frente a uma insistente fala masculina que afirma que ela não precisa trabalhar. No entanto, a carreira que ela tanto quer consolidar é nas dependências da empresa que o marido comprou ao longo da trama para "protegê-la". Como entender a aceitação dessa leitura no Brasil do século XXI? Há a noção difusa da permanência da ideia de controle e de submissão exercidas por Grey e Ana que podem ser explicadas como comportamentos aceitáveis, tendo em vista a permanência de um imaginário presente da necessidade constante da mulher em essência ser protegida e cuidada, como se pode perceber, por exemplo, nas leis dos códigos civis e penais brasileiros. Diferentes condutas, semelhantes sentimentos. Continentes e conteúdos característicos sobre sonhos e afetos em nossas estruturas sociais, culturais e morais.

Esses homens ricos e bem-sucedidos encontram moças encantadoras, menos ricas e se apaixonam. Ana e Magali são jovens, gentis, delicadas, ingênuas, boas, inteligentes, simples e dedicadas, ou seja, qualidades que as fazem verdadeiramente mocinhas de primeira categoria, pois possuem virtudes morais e um "valor interior da mulher", dignos de merecer o final feliz. Neste sentido, em ambos os romances acontece o que Rosane Prado chamou de "chave da constituição do casal em M. Delly":

> Esse aspecto do "valor interior da mulher" pode ser visto como a chave da constituição do casal em M. Delly, em termos de um esquema de reciprocidade – tomado como um princípio regulador das relações sociais, tal como formulado por Mauss (1974). Partindo-se daí, é possível observar uma troca estabelecida nos casamentos desses romances, em que a mulher traz sua honra no sentido de virtude e pureza, e o homem traz a honra do seu nome. A mulher irá adquirir um nome digno de sua virtude e o homem terá uma mulher virtuosa digna de seu nome; assim, a heroína é valorizada como *aquela* que merece o herói e vice-versa (PRADO, 1981, p. 99).

As virtudes morais da mocinha são fundamentais para ambas as tramas, pois nela se fundam a ideia de que não apenas as mulheres merecem o final feliz, mas que elas conquistam esse direito pelas ações que desempenham na trama. Ana, por sempre ceder e estar ao lado de Christian, mesmo com todos os problemas que ele apresenta ao longo do romance, se torna uma heroína digna da felicidade. O caráter religioso ilibado de Magali faz dela uma mulher sem mácula.

Há, no entanto, uma característica que ambas as mocinhas compartilham que precisa ser analisada. Magali e Ana apanham e perdoam por amor. Magali apanha para defender um lacaio que era surrado. Ela se coloca na frente do rapaz e Geraldo a chicoteia no pulso. Ele se arrepende ao longo dos anos e da trama e lhe pede perdão e ela, embora diga de início que nunca irá perdoá-lo, não apenas o faz, como se casa com ele. No entanto, ela considera o ato de Geraldo algo hediondo e sinaliza que tal atitude nunca mais deverá se repetir. A violência em "Magali" não se naturaliza e não é aceita como algo possível na relação amorosa.

A violência como um ato de empregar força física ou intimidação moral, tem como característica o falocentrismo e as discussões dos poderes constitutivos nos corpos, e coloca em questão a naturalização das experiências das relações entre os gêneros como valores significativamente fundamentais da trama. A estrutura das escritas constrói e enfatiza a superioridade masculina e implicitamente comunica através da linguagem uma visão de pensamento simbólico que defende uma lógica do patriarcado, na qual o feminino e o masculino se posicionam assimetricamente de maneira estrutural. A literatura, portanto, funciona como referente de produção das desigualdades entre os gêneros.

Nesse sentido, existe uma clara diferença entre os dois romances, pois Magali, apesar de ter agido de maneira sentimental, é uma mulher que teve coragem de enfrentar uma situação que considerou injusta assumindo uma postura de enfrentamento, não admitindo a violência de Geraldo.

Ana, por outro lado, contemporaneamente, é envolvida em uma longa trama de dor, surras e desejo. Ela se deixa enlevar pela possibilidade de uma relação amorosa com um homem que promete amá-la e nunca deixá-la e que ela sempre será tudo para ele. É o auge de uma erotização que invisibiliza a violência dentro de um cenário romântico embrulhado em cenas de entrega sexual e desejo. "Seja minha e eu serei seu" parece o lema de uma entrega sem limites e a lógica deste romance.

Neste sentido, amar representa, nestes romances, a entrega que perdoa o homem de todas as ações tendo em vista a possibilidade do casamento e da estabilidade da união para a mulher. Amar tudo perdoa e tudo supera. Apanhar seria, portanto, só um detalhe no grande quadro geral do processo de ser feliz. Algo que poderia ser perdoado, pois afinal de contas ele é o mocinho perfeito – possui todas as demais características que o faz habilitado a ser "o príncipe encantado". Se Magali não admite apanhar novamente – e, de fato, é colocado na trama como algo terrível e inadmissível –, o romance contemporâneo coloca a questão como algo erótico e opcional. A fronteira entre erotismo e violência está na base da fantasia pessoal e na realização do poder que, englobado na ideia de amor, torna-se borrado pela noção de proteção e cuidado. Apanhar é algo que acontece, pois é excitante, escolhido, aceito e desejado em última instância. A violência de *Cinquenta tons de cinza* acontece em ambientes erotizados com a "anuência" da mocinha, sendo um jogo de prazer. É o sexo "apimentado" colocado em cena em nome do amor. Dessa maneira, apesar de todas as transformações sociais ocorridas historicamente durante o século XX, ainda se consome a ideia de que a violência é um elemento de desejo a ser aceito pela mulher para alimentar o prazer masculino – e quem sabe, o seu próprio –, tornando-se, através do erotismo, quase invisível.

Há uma clara ênfase na permanência do controle e da proteção através do casamento. Se por um lado a união de Magali representa uma época que buscava se cercar de um imaginário sobre uma aristocracia nobre dominante com uma pureza religiosa e uma estabilidade de relacionamentos com papéis sociais assegurados e bem definidos moralmente, aos chamados "anos dourados", por outro, a união de Ana enfatiza a mulher virtuosa que conquista o homem por suas qualidades ideais morais. Os romances mostram a representação dos sonhos, sentimentos e afetos de mulheres que independentemente de seu tempo, souberam se comportar da maneira correta para conquistar o coração do homem ideal e, por isso, são recompensadas com o casamento e vidas perfeitas. No entanto, por trás dessas uniões existem questões de dominação, controle e violência que são escamoteadas nos discursos amorosos e eróticos.

Os romances acenam com as representações de proteção, sonhos de cuidados, relacionamentos estáveis e finais felizes. Mulheres são as principais consumidoras destas fábricas de sonhos criados com cenários fantásticos. Dessa maneira, as expressões dos valores morais e de conduta contidos nos romances localizam os sentidos e códigos que permeiam as sensibilidades de nosso mundo, sendo uma forma de entendimento social da maneira como nos relacionamos com as emoções e culturalmente. Há muito de igual no que parece diferente. Através dessas narrativas ao longo do século XX e XXI podemos entender as permanências de imaginários e universos constituídos, expressões de amor e visões sobre a vida em nossa sociedade.

Notas

1 Neste sentido, entende-se de maneira resumida, uma literatura de grande alcance em termos econômicos, principalmente no sentido de fazer com que as massas adquiram "cultura" dentro de determinados preceitos, comportamentos e padrões estéticos, morais e sociais.

2 Ver Prefácio de Maria Izilda Santos Matos. In: SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. *Moça Educada, Mulher Civilizada, Esposa Feliz*: Relações de Gênero e História em José de Alencar. São Paulo: Edusc, 2012, p. 16.

3 Comentários críticos ao blog de Márcia Tiburi. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/11/com-amor-recadinho-fofo-para-as-leitoras-de-50-tons-de-cinza/comment-page-5/#comments>. Acesso em: 29 nov. 2015.

4 Comentários críticos ao blog de Márcia Tiburi. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/home/2012/11/com-amor-recadinho-fofo-para-as-leitoras-de-50-tons-de-cinza/comment-page-5/#comments>. Acesso em: 29 nov. 2015.

5 Sobre a biografia de M. Delly, consultar: RUSSO, Aline França. *Relendo M. Delly*: personagens, enredo, crítica. 2012. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

6 Sobre esse assunto ver: PEIXOTO, Luiz Antonio da Silva. *Marcuse*: cultura, ideologia e emancipação no capitalismo tardio. Disponível em: <http://www.revispsi.uerj.br/v11n1/artigos/html/v11n1a08.html>. Acesso em: 01 nov. 2015.

7 Disponível em: <http://www.cinquentatonsdecinza.com.br/cinquenta-tons-de-cinza-capa-filme.html>. Acesso em: 05 ago. 2015.

8 Sobre esse assunto ver; MACHADO, Lia Zanotta. *Perspectivas em confronto*: Relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? Série Antropologia. Brasília: PPGAS/UNB, 2000. p. 1-20.

9 A pesquisadora Amy Bonomi, presidente do Departamento de Desenvolvimento Humano e Estudos da Família da Universidade de Michigan, realizou um estudo com os romances da trilogia e considera que ele influencia no aumento da violência interpessoal nas mulheres que leram pelo menos um dos livros. De acordo com a pesquisa, Grey utiliza de "perseguição, intimidação, isolamento e humilhação" e Anastasia passa a se comportar de maneira semelhante às mulheres vítimas de abuso. Segundo ela: "As leitoras do *best-seller* costumavam relatar mais envolvimento com namorados violentos, distúrbios alimentares e se embriagavam com mais frequência. Elas também tendiam a ter mais parceiros sexuais do que as outras." Sobre o assunto ver: Disponível em: <http://manualdohomemmoderno.com.br/comportamento/ler-50-tons-de-cinza-faz-mal-e-aprisiona-mulheres>. Acesso em: 01 nov. 2015.

10 Disponível em: <http://diariodesantamaria.clicrbs.com.br/rs/cultura-e-lazer/noticia/2015/02/especialistas-e-praticantes-do-sadomasoquismo-analisam-50-tons-de-cinza-4709015.html>. Acesso em: 02 nov. 2015.

11 Sobre esse assunto ver: FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir*: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CALDAS, Waldenyr. **A literatura da cultura de massas**: uma análise sociológica. São Paulo: Lua Nova, 1987.

CUNHA, Maria Teresa Santos. Biblioteca das moças: contos de fada ou contos de vida? As representações de mulher e professora nos romances da Coleção Biblioteca das Moças. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 11, p. 139-146, nov., 1994.

_____. Mulheres e romances: uma intimidade radical. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, p. 100, jul. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000200007&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 02 nov. 2015.

DELLY, M. **Magali**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1934. (Coleção Nova Biblioteca das Moças).

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 1987.

GREGORI, Maria Filomena. Relações de violência e erotismo. **Cad. Pagu**, Campinas, n. 20, p. 87-120, 2003.

JAMES, E. L. **Cinquenta tons de cinza**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012a.

_____. **Cinquenta tons mais escuros**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012b.

_____. **Cinquenta tons de liberdade**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2012c.

MACHADO, Lia Zanotta. **Violência conjugal**: os espelhos e as marcas. Brasília: PPGAS/UNB, 1998, p. 01-43. (Série Antropologia).

_____. **Perspectivas em confronto**: relações de gênero ou patriarcado contemporâneo? Brasília: PPGAS/UNB, 2000, p. 01-20. (Série Antropologia).

MEYER, Marlise. **Folhetim**: uma história. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2008.

PRADO, Rosane Manhães. Um ideal de Mulher: estudo dos romances de M. Delly. In: BARROS, Myriam Moraes Lins de; PRADO, Rosane Manhães. **Perspectivas Antropológicas da Mulher**, v. 2. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

SCOTT, Joan. Os usos e abusos do gênero. Tradução Ana Carolina Eiras Coelho Soares. **Projeto História**, São Paulo, n. 45, p. 327-351, dez. 2012.

SOARES, Ana Carolina Eiras Coelho. **Moça educada, mulher civilizada, esposa feliz**: relações de gênero e história em José de Alencar. São Paulo: Edusc, 2012.

SOUSA, Denise Dias de Carvalho. **O saber e o sabor da literatura cor-de-rosa**: a leitura dos romances das séries Sabrina, Júlia e Bianca. 2014. 198 f. Tese (Doutorado em Teorias da Literatura) - Faculdade de Letras, PUCRS em convênio com a Universidade do Estado da Bahia (UNEB) através do Programa de Doutorado Interinstitucional (Dinter), Porto Alegre, 2014. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2180/1/462363.pdf>. Acesso em: 02 nov. 2015.

RUSSO, Aline França. **Relendo M. Delly**: personagens, enredo, crítica. 2012. 224 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2012.

Recebido em 15 de janeiro de 2016
Revisado em 06 de junho de 2016
Aceito em 14 de novembro de 2016